

# Os doentes chapéus-de-sol da Cidade

Com as obras do VLT, a Cidade se deparou com a necessidade de salvar dezenas de espécies arbóreas e de porte avantajado existentes naquele trecho. Há algumas décadas, a extirpação pura e simples certamente ocorreria. Hoje, porém, com novos conceitos, o reaproveitamento da maioria delas está sendo feito, fato que enseja nossos parabéns ao Departamento de Parques e Áreas Verdes.

Estamos reaproveitando alguns vegetais ameaçados pelo progresso, mas, e as centenas de árvores dos Jardins da Praia? Esses exóticos chapéus-de-sol (*Terminalia catappa*) foram durante anos os vegetais com maior porte naquela área verde, já que as raras e poucas palmeiras nem de longe apresentavam um maciço de folhas que competisse em beleza.

Em condições adequadas, o chapéu-de-sol alcança altura superior a 20m e vive por muitos anos. Sua forma, desde que não podada, é imponente e inconfundível. Durante seu crescimento, os galhos perfeitamente horizontais vão surgindo ao longo do tronco, sempre num mesmo ponto, como os raios de uma roda. Os galhos mais baixos são sempre mais longos que os de cima, fato que empresta à planta uma majestosa forma cônica.

Hoje, a grande maioria de nossos chapéus-de-sol apresenta enormes touceiras da erva-de-passarinho, fixadas nos galhos ainda saudáveis. Para seu sustento, essa praga suga a seiva bruta que as árvores elaboram com a água e minerais



extraídos do solo. Com o tempo, muitas árvores, forçadas pelo constante desvio de seiva para alimentar os hemiparasitas, acabam suprimindo o alimento para outros galhos saudáveis, o que redundou na morte dos mesmos.

Passadas décadas, nossos chapéus-de-sol nem de longe mostram sua arquitetura característica, deformados que estão pela perda de galhos somados às ramificações surgidas em vários pontos. Dezenas deles, ao invés de apresentarem os troncos lisos e elegantes, revelam enormes e grotescas protuberâncias, inclusive junto ao colo, numa vã tentativa de brotação, tudo causado pela redistribuição de alguns hormônios vegetais.

O número de galhos secos é assustador, já que eles ali estão, aguardando apenas uma lufada mais forte de vento para tombar ao chão. Em contrapartida, na mesma árvore e junto àqueles secos, enormes touceiras de erva-de-pas-

sarinho vicejam livremente.

Esse verdadeiro desastre na morfologia das árvores acabou emprestando às mesmas - e por extensão aos jardins - uma visão muito diferente da esperada, já que dezenas delas não se desenvolveram corretamente, e hoje não apresentam sequer a metade do volume de folhas se compararmos com uma árvore ainda livre da praga. Os menos avisados, ao verem os chapéus-de-sol enfolhados, não se dão conta de que parte daquele verde é na verdade da erva-de-passarinho. Esses chapéus-de-sol estão doentes e debilitados, e ao cabo de pouco mais de uma década pouquíssimos deles resistirão às pragas.

Já que sua morfologia original está completamente descaracterizada, por que a firma encarregada das podas não eliminou todos os galhos secos durante os últimos serviços ali efetuados? Por que podar só as pontas de alguns poucos galhos? Há algum levantamento sério e criterioso sobre o número de espécies livres da praga? Com o estado doentio e terminal das árvores, há algum estudo para a substituição gradativa da grande maioria delas, por novas mudas, nativas e saudáveis, oferecendo assim condições para que nossa avifauna seja por elas atraída?

Vamos esperar a perda desses vegetais para então, de afogadilho, providenciarmos o plantio de novos vegetais, e então aguardar muitos anos para que possamos nos beneficiar de suas benfeitorias sombra e beleza?